

Brasil:
O Dia Antes e Depois
Südaka Editorial

Lula da Silva
e a contenção da onda reacionária no Brasil

SE/

São Paulo — Luiz Inácio Lula da Silva venceu no último domingo o segundo turno das eleições presidenciais no Brasil com **51,79%** dos votos contra **48,21%** de Flávio Bolsonaro, segundo os resultados oficiais do Tribunal Superior Eleitoral . A vitória, que marca seu quarto mandato presidencial, não é apenas um evento sem precedentes na história democrática do país — é a primeira vez desde o fim da ditadura militar que um candidato que ficou em segundo lugar no primeiro turno se impõe no segundo —, mas também representa uma contenção significativa da expansão da extrema-direita na América Latina e um revés para as tentativas de ingerência norte-americana na região .

A virada e o contexto da ingerência

Lula partia em desvantagem. No primeiro turno, Flávio Bolsonaro, filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, o havia superado por mais de dois milhões de votos . As pesquisas antes do segundo turno também davam uma ligeira vantagem ao candidato ultradireitista. No entanto, o presidente brasileiro reverteu a situação com uma estratégia que combinou mobilização de rua com uma intensa presença nas redes sociais, reduzindo a abstenção e obtendo uma diferença final de mais de quatro milhões de votos a seu favor .

Lula foi explícito a respeito em seu discurso de vitória: *"O Brasil não aceita ser quintal de ninguém"* . O presidente brasileiro também denunciou a "intromissão de fora para dentro" das plataformas digitais e exigiu sua regulação .

O triunfo de Lula ocorreu num clima de aberta hostilidade por parte de Washington. A Agência Brasileira de Inteligência (Abin) havia alertado semanas antes do pleito que o risco de interferência norte-americana era "crítico" . Donald Trump declarou publicamente que acompanhava as eleições "de perto" e, segundo reportagens, seu governo planejava destinar fundos a grupos contrários ao Supremo Tribunal Federal brasileiro . Lula foi explícito a respeito em seu discurso de vitória: *"O Brasil não aceita ser quintal de ninguém"* . O presidente brasileiro também denunciou a "intromissão de fora para dentro" das plataformas digitais e exigiu sua regulação .

A sombra da Meta e a manipulação algorítmica

Um dos episódios mais obscuros desta campanha foi o comportamento das plataformas da Meta

(Facebook, Instagram e WhatsApp), dirigidas por Mark Zuckerberg. A campanha de Lula levou o caso ao Tribunal Superior Eleitoral após constatar que o algoritmo da empresa restringia a difusão de seus conteúdos enquanto favorecia os de Flávio Bolsonaro .

As evidências eram contundentes. A inteligência artificial da Meta se recusava a gerar imagens com o nome "Lula" e o número 13, mas criava conteúdo para "Flávio" e o número 22 . Mensagens internas de funcionários da companhia, vazadas ao jornal *Folha de São Paulo*, admitiam restrições que prejudicaram a conta de Instagram de Lula, incluindo um incidente em que seu perfil não pôde impulsionar publicações por quase 24 horas, o que, segundo a campanha, impediu que 1,3 milhão de pessoas vissem seus anúncios . Uma pesquisa da ONG Ctrl+Z documentou mais de mil casos de restrições em plataformas da Meta durante a primeira quinzena de outubro, dos quais **90% afetavam conteúdos a favor de Lula ou de viés progressista** . O TSE finalmente ordenou que a Meta garantisse tratamento igualitário sob ameaça de multas diárias . Lula classificou o resultado como uma "derrota da mentira" e da intromissão das plataformas .



Foto, Gemini.

A esperança da esquerda latino-americana

A vitória de Lula foi recebida com alívio e entusiasmo pelo bloco progressista da região, que atravessa um momento de retrocesso. Nos últimos anos, a direita e a extrema-direita chegaram ao poder na Argentina (Javier Milei), no Chile (José Antonio Kast), na Colômbia (Abelardo de la Espriella) e no Peru (Keiko Fujimori) . O Brasil era, ao lado do México, o último bastião da esquerda nos dois gigantes da região.

O ex-presidente colombiano Gustavo Petro foi um dos primeiros a reagir: *"O fascismo foi detido na América Latina no Brasil"*, escreveu no X, acrescentando que *"o povo brasileiro livre conseguiu frear a avalanche dos bots falsos"* . A presidenta mexicana Claudia Sheinbaum celebrou com um

sucinto *"Viva a democracia, o povo do Brasil venceu!"* . Do Chile, Gabriel Boric foi mais efusivo: *"Obrigado, velho lindo, por nunca deixar de lutar, por sustentar a esperança de um outro mundo"* . O ex-presidente Ernesto Samper resumiu o sentimento do bloco: Lula se consagrou como *"o Pelé do progressismo latino-americano"* .

Do Chile, Gabriel Boric foi mais efusivo: "Obrigado, velho lindo, por nunca deixar de lutar, por sustentar a esperança de um outro mundo" .

Le contraste avec la situation du Bouclier des Amériques — l'alliance militaire promue par Trump et composée d'une douzaine de pays de la région — est notable. Bien que cette structure continue de fonctionner et que plusieurs de ses membres aient félicité Lula, la victoire brésilienne démontre que l'architecture de pression continentale présente des fissures lorsqu'un grand pays exerce sa souveraineté électorale .

"Um prato de comida e tantos inimigos"

A frase que Lula pronunciou há anos, e que hoje ressoa com particular força, condensa o paradoxo de sua trajetória política. A versão mais precisa, verificada por agências de fact-checking, é a que o próprio Lula publicou em junho de 2018: *"Nunca pensei que dar um prato de comida a um pobre causasse tanta indignação naqueles que comem mais de três vezes ao dia"* . Em 2019, ao sair da prisão, reformulou-a com a imagem da elite que joga comida no lixo: *"Nunca pensei que colocar um prato de comida na mesa de um pobre gerasse tanto ódio por parte de uma elite que está farta de jogar comida no lixo todos os dias"* .

Essa indignação não era retórica. Os programas sociais de Lula — o Bolsa Família, o Fome Zero — tiraram dezenas de milhões de pessoas da pobreza e lhe valeram um ódio visceral dos setores privilegiados que o levou à prisão e a uma perseguição judicial posteriormente desmontada. A mesma lógica se repete agora: um homem que venceu quatro eleições presidenciais, que foi preso e absolvido, que volta a vencer apesar da máquina de desinformação e da ingerência estrangeira, continua sendo objeto de uma hostilidade que transcende a política e se instala no terreno do desprezo de classe.

Um mandato com obstáculos

Lula assumirá seu quarto mandato em 5 de janeiro, aos 81 anos, com um Congresso mais inclinado à direita do que em seu mandato anterior . Flávio Bolsonaro, por sua vez, recusou-se a reconhecer a derrota e anunciou que contestará os pleitos na justiça, alegando irregularidades na extensão do horário de votação em algumas cidades . O bolsonarismo, no entanto, ficou momentaneamente órfão de liderança institucional: Jair Bolsonaro cumpre prisão domiciliar por sua tentativa de golpe de Estado em 2022, e seu filho enfrentará investigações judiciais a partir de fevereiro, quando perder seus foros parlamentares .

A vitória de Lula não resolve os problemas estruturais do Brasil nem detém a maré reacionária no continente. Mas demonstra que essa maré pode ser contida. E que, como disse o próprio Lula em seu discurso de vitória, *"esta eleição foi uma derrota do negacionismo, uma derrota da mentira"* .